



O Estranho Assassínio de Carácter de uma Reputação Política Já Ferida

Publicado em 2026-05-21 11:40:45



BOX DE FACTOS

- Segundo notícias da Lusa, divulgadas pela Renascença e pelo ECO, o Ministério Público admitiu que José Sócrates terá sido alvo de um “**assassinato de carácter**” durante o inquérito da Operação Marquês.
- A declaração foi feita pelo procurador António Beirão, em representação do Estado, nas alegações

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- O procurador defendeu, no entanto, que a responsabilidade seria da Comunicação Social e não do Estado, afirmando não haver prova de que a fuga de informação tivesse partido da investigação.
- A acusação da Operação Marquês foi tornada pública pelo Ministério Público em **11 de Outubro de 2017**.
- O julgamento da Operação Marquês começou em **3 de Julho de 2025**, mais de uma década depois dos primeiros passos do processo.
- Portugal pediu assistência financeira externa em **7 de Abril de 2011**, no quadro de um programa negociado com a Comissão Europeia, o BCE e o FMI.
- Segundo dados recentes analisados pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, a taxa de risco de pobreza em Portugal fixou-se em **15,4%** em 2024.
- No Índice do Estado de Direito de 2025, do World Justice Project, Portugal surge em **29.º lugar entre 143 países**.
- No Índice de Percepção da Corrupção de 2025, da Transparency International, Portugal surge com **56 pontos em 100**.



Ferida

Há frases que não precisam de contraditório: desabam sozinhas, como tectos podres depois de anos de infiltração. Dizer que José Sócrates sofreu um “assassinato de carácter” pode ser juridicamente relevante; politicamente, porém, obriga a uma pergunta anterior e bem mais incómoda: que carácter público ainda respirava depois de anos de arrogância do poder, ruína nacional e degradação da confiança democrática?

A recente admissão, por parte de um procurador em representação do Estado, de que José Sócrates terá sido alvo de um **“assassinato de carácter”** durante o inquérito da Operação Marquês é uma daquelas ironias institucionais que quase dispensam comentário. Quase.

Porque, se a frase fosse dita num café, talvez passasse como desabafo. Se fosse dita por um comentador televisivo, seria apenas mais uma acha para a fogueira diária da opinião. Mas quando surge no quadro de uma acção judicial contra o Estado, pronunciada por quem representa o próprio

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quem carimba papéis à beira do precipício: houve destruição reputacional, houve campanha mediática, houve liquidação moral, mas a culpa não é nossa. Foi a Comunicação Social. Nós, Estado, passávamos por ali com uma pasta na mão e um ar compungido.

É uma explicação juridicamente compreensível, porque o Estado procura afastar responsabilidade indemnizatória. Mas politicamente é devastadora. Porque, se houve mesmo uma destruição pública de carácter, então alguém terá alimentado essa máquina, alguém terá beneficiado dela, alguém terá permitido que a justiça se confundisse com espectáculo e que o tempo processual se transformasse numa pena antes da sentença.

A pergunta proibida

Há, contudo, uma pergunta que paira sobre tudo isto, como uma ave negra sobre as ruínas do regime:

Pode assassinar-se politicamente o carácter público de quem já o tinha hipotecado no exercício do poder?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

final. Esse princípio não é um favor; é uma coluna civilizacional.

Mas uma crónica política não é uma sentença judicial. E a responsabilidade política não espera necessariamente pelo trânsito em julgado. Um governante pode não estar condenado em tribunal e, ainda assim, estar condenado pela memória política de um país que viu a arrogância do poder, a proximidade indecorosa entre política, banca, grandes grupos económicos e comunicação social, e o colapso económico que conduziu Portugal ao pedido de assistência externa em 2011.

A questão não é saber apenas se uma reputação foi destruída por fugas de informação, capas de jornais ou narrativas mediáticas. A questão é saber que reputação pública restava quando o país assistiu à degradação de um modelo de governação feito de endividamento, megalomania, centralismo, propaganda e intimidade excessiva com os grandes poderes económicos.

A justiça como teatro de sombras

A Operação Marquês tornou-se, ao longo dos anos, mais do que um processo judicial. Tornou-se uma alegoria nacional. Um labirinto de autos, recursos, decisões, reversões,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O Ministério Público tornou pública a acusação em Outubro de 2017. O julgamento começou apenas em Julho de 2025. Entre uma data e outra, passaram-se anos suficientes para uma criança entrar na escola e quase terminar o ensino básico. Esta lentidão não atinge apenas os arguidos. Atinge o próprio Estado de Direito.

Uma justiça que demora mais de uma década a levar a julgamento um processo desta dimensão não protege plenamente ninguém. Não protege o arguido, que vive sob suspeita permanente. Não protege os cidadãos, que esperam verdade em tempo útil. Não protege as instituições, que ficam envoltas numa névoa de descrédito. E não protege a democracia, que vai perdendo autoridade moral enquanto os processos envelhecem nas prateleiras.

Quando a justiça chega tarde, já não chega inteira. Chega cansada, desconfiada, amputada pelo tempo. E num país onde os processos dos poderosos parecem mover-se a passo de lesma em tapete persa, a igualdade perante a lei transforma-se numa inscrição bonita gravada à porta do tribunal.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

forte demais para quem observa, há décadas, o modo como o regime português tratou o carácter da própria democracia.

Porque também houve um assassínio lento do carácter público da política portuguesa. Fez-se por nomeações convenientes, portas giratórias, cumplicidades entre reguladores e regulados, sociedades de advogados que parecem antecâmaras do poder, empresas públicas usadas como estacionamento de carreiras, bancos resgatados depois de anos de imprudência e uma justiça que demasiadas vezes parece dura com os pequenos e litúrgica com os grandes.

Houve um assassínio do carácter da classe média, esmagada entre impostos, salários insuficientes, habitação cara e serviços públicos degradados.

Houve um assassínio do carácter da esperança jovem, empurrada para a emigração por um país que forma talento para depois o exportar como se fosse cortiça humana de alta qualidade.

Houve um assassínio do carácter da velhice digna, quando tantos idosos sobrevivem com pensões baixas, casas frias e farmácias transformadas em tribunais mensais da sobrevivência.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mercados, da Europa, da oposição, da herança recebida, da crise internacional, da chuva ou da falta dela.

O país que entrou em falência e salvou as elites

O pedido de assistência financeira externa em 2011 não foi apenas um episódio económico. Foi uma confissão histórica. Portugal chegou à porta da União Europeia, do Banco Central Europeu e do Fundo Monetário Internacional como um país exausto, endividado, fragilizado e incapaz de sustentar a ilusão que durante anos lhe venderam como modernização.

A crise internacional existiu, evidentemente. Mas Portugal não caiu apenas porque o mundo tremeu. Caiu porque estava mal construído. Caiu porque confundiu investimento com betão, desenvolvimento com anúncios, governação com propaganda, crédito com prosperidade e poder com impunidade.

Depois veio a austeridade. E, como quase sempre, a factura desceu pela pirâmide social. Cortou-se onde era mais fácil cortar. Penalizaram-se salários, pensões, famílias, pequenos negócios e serviços públicos. Salvou-se o essencial

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

aplicada apenas a uma figura política, soa tão estranhamente incompleta. O verdadeiro cadáver moral não é apenas uma reputação individual. É um regime inteiro que prometeu democracia plena e entregou demasiadas vezes sobrevivência administrada.

A pobreza como acusação ao regime

Os dados recentes mostram uma melhoria na taxa de risco de pobreza, que se fixou em 15,4% em 2024. Mas a estatística, por mais relevante que seja, não deve servir de almofada moral. Portugal continua a ter centenas de milhares de trabalhadores pobres, idosos vulneráveis, jovens sem futuro material no seu próprio país e famílias que vivem sempre a um imprevisto da queda.

Um regime que governa durante meio século e deixa a pobreza como paisagem não pode apresentar-se apenas como vítima de circunstâncias externas. A pobreza persistente é também uma forma de julgamento. Julga políticas económicas, modelos educativos, cultura empresarial, escolhas fiscais, justiça social, produtividade, habitação, corrupção e qualidade da governação.

A pobreza portuguesa não é apenas falta de dinheiro. É falta de estrutura. Falta de ambição. Falta de exigência. Falta

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

encontrar o fósforo

A tese de que houve “assassinato de carácter”, mas de que o Estado não é responsável, parece resumir uma arte muito portuguesa: reconhecer o incêndio sem nunca descobrir quem acendeu o fósforo.

Houve fugas? Não se sabe. Houve campanha mediática? Parece reconhecer-se que sim. Houve destruição pública? Diz-se que sim. Houve responsabilidade institucional? Aparentemente, nenhuma. Como nos velhos processos nacionais, há sempre ruína, mas raramente há arquitecto.

Esta é a genialidade burocrática do regime: tudo acontece, mas quase nada tem autor. Os bancos caem, mas os responsáveis evaporam-se. As obras derrapam, mas ninguém conduzia. Os processos prescrevem, mas o calendário é inocente. A informação aparece nos jornais, mas veio talvez trazida pelo vento. A justiça demora, mas a culpa é da complexidade. O país empobrece, mas a culpa é da conjuntura.

No fim, sobra o cidadão comum, esse animal fiscal de carga, a pagar a conta e a ouvir sermões sobre responsabilidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

parte da imprensa portuguesa viveu, durante anos, entre dependências económicas, proximidades políticas, guerras de fontes, manchetes judiciais, fugas selectivas e a tentação permanente de substituir investigação por espectáculo.

Mas a imprensa não opera no vazio. Alimenta-se de fontes. Vive de acessos. Depende de poderes. É influenciada por grupos económicos. E quando grandes processos judiciais se tornam novelas nacionais, com capítulos semanais e personagens fixas, a pergunta essencial não é apenas quem publicou; é quem forneceu, quem enquadrrou, quem escolheu o momento e quem beneficiou da narrativa.

A liberdade de imprensa é indispensável. Mas uma imprensa transformada em extensão informal de guerras judiciais, políticas ou económicas deixa de ser apenas vigilante da democracia. Passa também a ser palco da sua degradação.

O carácter que faltou à política

Talvez o ponto mais grave não esteja no carácter de José Sócrates enquanto pessoa. Isso pertence-lhe, à sua consciência e aos tribunais quando houver matéria criminal a decidir. O que nos interessa, como cidadãos, é o carácter público do exercício do poder.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

partidos se habituaram a ocupar o Estado como quem herda uma quinta. Falhou quando a competência foi substituída pela fidelidade. Falhou quando a justiça se deixou enredar em rituais que tornam a verdade uma sobrevivente tardia.

Não se assassina facilmente o carácter político de quem já o foi entregando, em prestações sucessivas, ao altar da arrogância do poder. Pode discutir-se a violência mediática. Pode discutir-se a responsabilidade do Estado. Pode discutir-se a lentidão da justiça. Mas não se pode pedir ao país que esqueça tudo o que viu, tudo o que pagou e tudo o que perdeu.

Epílogo: o réu invisível

O julgamento de José Sócrates é importante. Mas há um réu maior, mais difuso e mais difícil de sentar no banco: o regime que permitiu que Portugal se transformasse num país de baixa confiança, baixa produtividade, baixa justiça percebida, baixa exigência institucional e elevada resignação social.

Esse regime não é uma pessoa. É uma cultura. Uma rede. Uma rotina. Um modo de funcionamento. Uma forma de mandar sem servir, de explicar sem assumir, de prometer sem cumprir, de sobreviver sem se regenerar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

marcar a vida de milhões; quando a corrupção percebida permanece como ferida aberta; quando os partidos de sempre continuam a distribuir sermões como se tivessem acabado de chegar ao país, então talvez a pergunta final já não seja sobre José Sócrates.

A pergunta final é sobre Portugal: que carácter democrático resta a um regime que se habituou a sobreviver à própria vergonha?

Nota de rigor jurídico e editorial

Este texto é uma crónica de opinião política. As referências a José Sócrates e à Operação Marquês devem ser lidas no plano da análise institucional, histórica e cívica, não como condenação judicial. José Sócrates mantém, como qualquer cidadão, o direito à presunção de inocência até decisão judicial final.

A crítica aqui formulada incide sobre o funcionamento do regime, a lentidão da justiça, a degradação da confiança pública, a relação entre política e poderes económicos, a pobreza persistente e a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Referências e fontes consultadas

- Renascença / Lusa — *Ministério Público admite que Sócrates foi alvo de “assassinato de carácter”*: [RR / Lusa](#)
- ECO / Lusa — *Ministério Público admite que Sócrates foi alvo de “assassinato de carácter”*: [ECO / Lusa](#)
- Ministério Público / DCIAP — *Operação Marquês: acusação*: [DCIAP — Operação Marquês](#)
- RTP Notícias — *Operação Marquês começa julgamento no Campus de Justiça*: [RTP Notícias](#)
- Comissão Europeia — *Financial assistance to Portugal*: [European Commission](#)
- Banco de Portugal — *The Financial Assistance Programme*: [Banco de Portugal](#)
- Fundação Francisco Manuel dos Santos — *Portugal Desigual: um retrato das desigualdades de rendimentos e da pobreza no país*: [FFMS](#)
- PORDATA — *dados sobre rendimentos das famílias em Portugal*: [PORDATA — Rendimentos](#)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Perceptions Index: Portugal: Transparency

International — Portugal

Texto: Francisco Gonçalves

Com o apoio editorial e estrutural de **Augustus Veritas**.

Este artigo é uma crónica de opinião baseada em dados públicos, fontes institucionais e publicações jornalísticas credíveis. A interpretação crítica pertence ao autor.

Nota final

O verdadeiro crime político contra uma nação talvez não esteja apenas nos actos individuais de corrupção, por mais graves que sejam. Está na protecção íntima, silenciosa e persistente entre poderes degradados: partidos, interesses económicos, segmentos da justiça, comunicação social domesticada, administração pública capturada e elites que se reconhecem, se protegem e se reciclam.

Quando os poderes que deveriam vigiar-se mutuamente passam a encobrir-se uns aos outros, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

corroída por dentro.

Esse é talvez o maior atentado contra Portugal: não apenas roubar recursos, oportunidades ou confiança, mas roubar ao povo a convicção de que a verdade, a justiça e a decência ainda têm lugar no centro da vida pública.

Quando os poderes podres se protegem intimamente, já não estamos perante falhas do regime; estamos perante o próprio regime a defender a sua podridão.

- Francisco Gonçalves



Ler o eBook: *A Grande Ilusão*



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

[• Ebooks](#)

[• Carrossel](#)

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.